

# O SOLUÇO DE ARISTÓFANES: SÁTIRA PLATÔNICA GENERALIZADA

## THE HICCUP OF ARISTOPHANES: GENERALIZED PLATONIC SATIRE

Vicente Thiago Freire Brazil<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o episódio da crise de soluços que atinge a personagem Aristófanes no diálogo *O Banquete* de Platão. Partindo-se do pressuposto de que no texto platônico não há personagens ou eventos a serem desconsiderados, pretende-se refletir sobre a intenção do autor ao construir tal imagem cômica. A conclusão que se pretende tornar evidente é que o incidente do soluço é tanto uma referência implícita e proleptica a teorias eróticas desenvolvidas ao longo do diálogo por Platão através de vários personagens, como uma forte crítica do personagem Aristófanes aos discursos de Fedro, Pausânias e Erixímaco.

**Palavras-chave:** *Banquete*. Aristófanes. Soluço. Ironia.

**Abstract:** This article aims to reflect on the crisis of hiccups that strikes the character called Aristophanes in *Symposium* by Plato. Considering that in Plato's text there aren't any characters or events to be disregarded, our purpose is to examine the author's intention when constructing such comic image. The intended conclusion is that the hiccup incident is both an implied and proleptic reference to erotic theories developed along the dialogue by Plato, through different characters, as a strong Aristophanes' critique to Phaedrus', Pausanias' and Erixímaco's speeches.

**Keywords:** *Symposium*. Aristophanes. Hiccups. Irony.

### 1. Introdução

O diálogo *O Banquete* de Platão é um dos mais célebres textos do pensamento ocidental, tanto por sua beleza literária, quanto pelo intrincado conjunto de ideias desenvolvidas por seu autor nesta obra. Temas como a relação entre amor e filosofia, a concepção de amor, filosofia e educação, educação e conhecimento, perpassam os sete discursos proferidos pelos convivas.

A leitura dos textos platônicos permite-nos uma experiência única ao unir complexidade conteudal com beleza expositiva. Como afirma-nos Bloom (2001, p. 57), se Sócrates é o mais erótico dentre os filósofos, Platão é o mais poético. A riqueza literária dos textos de Platão é inquestionável, além disso, sua contribuição para o desenvolvimento do pensamento filosófico é algo com poucos paralelos na história do pensamento ocidental.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Assistente da Universidade Estadual do Ceará – UECE/FAEC. Email: vicente.brazil@uece.br.

Por trás da narração de diálogos de supostos acontecimentos corriqueiros ao cotidiano de Sócrates, que na maioria das vezes é o protagonista dos diálogos, ou mesmo de outros personagens, o filósofo construiu uma rede de conceitos e proposições filosóficas riquíssima, e de uma complexidade digna de quem é considerado um expoente da filosofia antiga.

O amor é um desses conceitos articulados por Platão de maneira recorrente. Para alguns especialistas, como Gordon (2012, p. 2) e Benardete (2002, p. 19), mais do que uma simples temática, o *eros* é uma chave de leitura para compreensão da filosofia platônica como um todo, uma vez que tudo na concepção deste filósofo – mundo, homem, alma, virtude – tem uma relação direta com o *eros*.

Sobre esse papel de destaque que Platão confere ao *eros* no desenvolvimento de sua construção filosófica, Trabattoni defende que:

É fácil constatar que esse elemento [o *eros*] é realmente essencial na vida de todos os seres humanos (e não só deles). A vida é movimento, dinamismo, tensão para e desejo de algo: particularmente tensão para a obtenção das coisas que parecem apetitosas e boas ao sujeito que as deseja. No caso do sujeito racional, certamente ele aplicará sua inteligência e seu discernimento para conseguir alcançar certos objetivos que valham realmente a pena. Nesse sentido, para Platão, o *eros* se liga intimamente à filosofia, porque o desejo que acomete a todos, de viver uma vida boa, nunca poderá ser realizado se pelo menos não tentarmos conhecer o bem: em outras palavras, não poderá ser realizado se não dispusermos nossas vidas em direção do conhecimento. O resultado disso tudo é que o *eros* representa o nosso estímulo decisivo para a prática da filosofia. (TRABATTONI, 2012, p.148)

Há, entretanto, para além da cena principal que envolve a declamação de discursos em louvor a *Eros*, uma série de acontecimentos secundários, que para o leitor desatento, ou não familiarizado com a escrita platônica, passam despercebidos. São atrasos, descontroles, piadas, excessos etc.; elementos que aparentemente parecem descrições desprezíveis de acontecimentos comuns, mas que de fato, dissimulam questões mais profundas discutidas indiretamente por Platão.

É sobre um destes “simplórios” acontecimentos que versa o presente artigo. Entre os passos 185c-e Aristodemo teria narrado a Apolodoro, que agora transmite a um interlocutor desconhecido, o súbito ataque de soluços que assaltou Aristófanes imediatamente após o discurso de Pausânias e antes de sua vez de apresentar o panegírico a *Eros*.

Saber se este fato é apenas um elemento acessório para preencher o espaço de um necessário interlúdio para cadenciar a estrutura dramática do diálogo, ou se seria, propositadamente, uma cena cômica com a intenção de satirizar alguma ideia ou personagem; é um dos objetivos centrais deste artigo.

É acolhendo a segunda opção como horizonte interpretativo que se desenvolve o presente texto, de tal forma que a repentina crise de soluções de Aristófanes será concebida como instrumento de reprovação platônico para desenvolver uma velada, mas forte crítica a possíveis personagens e ideias.

## 2. O prelúdio do *solução*

Após a enunciação do encômio de Pausânias, Platão oferece-nos o primeiro interlúdio da cena montada para representação do *Banquete*. Aristodemo – o narrador primário –, ao final da narrativa deste segundo encômio, faz uma sutil crítica ao modelo discursivo do amante de Agatão. Por meio de uma sátira, que faz uso do próprio nome do segundo orador – “Παυσανίου δέ παυσάμενου”, isto é “Pausando Pausânias”<sup>2</sup> –, Aristodemo, na verdade Platão obviamente, estaria expondo o excesso de preocupações estilométricas dos sofistas na constituição de seus discursos<sup>3</sup>. O narrador teria aprendido com os “mestres” na arte do discurso um pouco das *isofonia*<sup>4</sup>. Para alguns intérpretes, está é outra referência velada a um dos adversários conceituais contemporâneos de Platão: Isócrates (LACAN, 1992, p.66).

Aristodemo afirma ainda que teria aprendido tais técnicas para promover “jogos” com as palavras, com homens “peritos”. Novamente uma ironia advinda da vagueza ou amplitude definicional das palavras, constituída para identificar os sofistas e de modo mais específico a Górgias<sup>5</sup>. Como destaca Brisson (2007, p.195), a melhor tradução para “*sophoi*” não seria literalmente sábios – como de modo tradicional faz-se –, mas *experts, especialistas, peritos*.

---

<sup>2</sup> Cf., *Banq.*, 185c.

<sup>3</sup> Vide, BRISSON, 2007, p.195. Isto porque o discurso de Pausânias é enunciado completamente no modelo discursivo dos sofistas; compreende-se assim que a personagem torna-se um estereótipo de um paradigma educacional e de produção do conhecimento que Platão – por meio de Sócrates e dos demais personagens – deseja criticar.

<sup>4</sup> Compreende-se por *isofonia* o artifício retórico, típico do texto gorgiano, que por meio do uso de palavras repetidas ou de termos de mesma raiz etimológica, procura envolver o ouvinte e persuadi-lo a crença em determinado argumento.

<sup>5</sup> Deve-se destacar Górgias especificamente em virtude da alusão que se faz aqui ao §21 do *Elogio de Helena*, no qual o sofista finaliza, também seu encômio, afirmando seu intuito de compreender toda a sua articulação discursiva como um *παίγνιον*, isto é, um jogo.

Sendo Aristodemo fervoroso discípulo de Sócrates o sentido irônico desta citação fica mais evidente. Estes “peritos do discurso” são o alvo predileto das críticas do filósofo de Atenas. Desta forma, um discípulo seu apropriar-se dos artifícios retóricos de tais indivíduos deve ser analisado como uma alusão negativa.

Quem são os “peritos em constituir discursos” naquele contexto histórico? Os sofistas. Este jogo de palavras construído por Aristodemo é uma evidência interna ao discurso e é apresentada de modo sutil por Platão. Nesse caso, os sofistas, vistos de maneira generalizada, e Górgias – por ser o pensador que mais destacava-se nesta arte de construir discursos de maneira bela como jogos –, são interlocutores privilegiados na constituição deste diálogo, apesar de ausentes da cena dramática.

Em 185c-e, Platão alarga o cenário cômico. Segundo a ordem de disposição dos convivas presentes ao *symposium*, após Pausânias, quem deveria discursar seria Aristófanos. Contudo, este é acometido subitamente de uma crise de soluços e por isso impedido de apresentar seu elogio a *Eros*. O que justifica a introdução desta descrição cômica sobre o comediógrafo? Tentando fazer uma análise a partir das informações já repassadas por Platão-Apolodoro-Aristodemo, algumas hipóteses devem ser desconsideradas e possíveis conclusões apresentadas<sup>6</sup>.

Para alguns especialistas (COOKSEY, 2010, p.43) este interlúdio é, dentre as outras possibilidades que se pode apontar, em primeiro lugar um artifício artístico-literário da escrita de Platão para conferir mais verossimilhança ao texto. Assim, apresenta um fato que apesar de corriqueiro, dentro deste contexto dramático específico ganha um tom cômico e produz um efeito realístico no leitor, além de produzir uma necessária pausa nos assuntos filosóficos até então majoritariamente tratados.

Por sua vez, outros pesquisadores compreendem a crise de soluços de Aristófanos como um elemento performático que serviria de ponto de partida para o discurso de Erixímaco, o qual terá como fundamento os conceitos de harmonia e desarmonia, cheio e vazio, semelhante e dessemelhante partindo sempre da referência a fenômenos naturais, especialmente daqueles relativos ao corpo<sup>7</sup>. Ampliando esta

---

<sup>6</sup> Apesar desta informação ser aparentemente irrelevante, ela dissimula importantes questões sobre a concepção de *Eros* que o autor da obra assumirá, pois como se defenderá neste trabalho, este soluço repentino e descontrolado de Aristófanos parece ser muito mais fruto dos discursos que ele está “consumindo” durante a noite, do que resultado de qualquer tipo de alimentação ou ingestão alcoólica. Assim, num evento só, Platão estaria desqualificando os dois primeiros discursos e já porá em suspenso a capacidade de alguém como Aristófanos, incapaz de conter o próprio soluço, apresentar um encômio digno do louvor a *Eros*.

<sup>7</sup> Vide Banq., 186c-e.

possibilidade interpretativa, a antecipação do discurso de Erixímaco ao de Aristófanes exemplificaria a ideia, intrínseca ao discurso do simposiasta médico, de que os harmônicos se atraem – Erixímaco, Asclépio – filho de Apolo – e a sobriedade –, enquanto que entre os desarmônicos – Aristófanes, Dioniso e a desmesura –, acontece o mesmo.

O soluço incontido, causador da súbita mudança de ordem entre os comensais, pode também ser visto como um recurso, propositadamente introduzido por Platão, que tem como finalidade principal garantir o jogo de assimetrias e comparações entre os principais temas dos discursos.

Acolhendo tal tese, pode-se apresentar a seguinte hipótese sobre a estrutura geral das estratégias discursivas adotadas no diálogo: para Fedro, *Eros* é um único deus, antigo e poderoso; já para Pausânias ele é de natureza dupla e a opção por *Eros Urânio* conduz ao tipo de relacionamento certo, que é o homoerotismo; em Erixímaco, a divindade é dupla, mas não se restringe apenas aos relacionamentos humanos; antes, abarca toda a realidade produzindo essencialmente harmonia. Para Aristófanes, que é comediógrafo, *Eros* é um, repartido em dois corpos que, incessantemente, se aspiram; assim, a desorganização é estrutural na divindade. Por fim – para nos centrarmos apenas nestes cinco primeiros encômios – em Agatão, que é tragediógrafo, *Eros* será considerado o mais jovem dos deuses; produz essencialmente desejo pelo outro, o que não será visto como algo positivo, mas como uma carência estrutural no humano.

Esse movimento conceitual que se manifesta no interior do *Banquete* – onde há um enriquecimento teórico com relação a *Eros* – perderia muito de seu ritmo, se, providencialmente, o surto de soluços não tivesse acometido, ainda que de maneira risível, o comediógrafo neste momento do diálogo; isso considerando o discurso de Sócrates como o arremate sintético de todos os discursos anteriores que são revisitados, contraditados, apropriados e ampliados em suas colaborações filosóficas.

Outra tradicional opção interpretativa define este evento burlesco como um revanchismo de Platão através do qual este estaria desqualificando a imagem de Aristófanes<sup>8</sup>, como retribuição à forma que o poeta cômico atacou a figura de Sócrates

---

<sup>8</sup> Está opção interpretativa tem um reforço na própria estrutura do diálogo, quando em 212c a tréplica que Aristófanes faria à crítica de Sócrates contra a tese aristofânica do *Eros* enquanto busca incessante da outra metade (193a), apresentada em 205d-e, é simplesmente emudecida e esquecida pela entrada escandalosa de Alcibiádes na casa de Agatão. Ou seja, em dois episódios no *Banquete*, a fala do poeta é cerceada. No primeiro caso ainda há possibilidade de retomada da palavra para expressão das teses do

em sua peça “*As nuvens*” de amplo conhecimento público na época de criação do *Banquete*. Nessa comédia, o mestre de Platão é caracterizado, com a finalidade de satirizá-lo, por meio de vários estereótipos comprometedores à época: desde filósofo naturalista um tanto quanto excêntrico, até como um erista-sofista de caráter e intenções duvidosas.

Tão cômicas quanto a crise de soluços são as prescrições procedimentais que Erixímaco – o médico presente – sugere a Aristófanes: reter a respiração, gargarejar água e induzir um espirro (185d-e). Estas práticas são, desde a Antiguidade, associadas a um senso comum médico, e deste modo de tratamento medicamentoso nada representam<sup>9</sup>. Apesar de amplamente documentada, esta hipótese e sua sucessiva conclusão constituída não parecem exaurir as possibilidades explicativas do texto; de forma especial, quando analisadas a partir do contexto específico do seu acontecimento.

Por que o constrangedor “ataque de soluços” teria ocorrido logo após o discurso de Pausânias? Porque Platão não especificou a causa, mas deixou a conclusão a mercê de seus próprios leitores?<sup>10</sup> A compreensão deste detalhe do enredo pode corroborar uma determinada perspectiva hermenêutica.

### 3. O soluço como o elemento de sátira do discurso do outro

Um empanturramento alimentício não parece ser a melhor explicação para definir o acontecimento, pois durante o *symposos*, tradicionalmente, a alimentação era praticamente suspensa – a qual os convivas dedicavam-se no *deipnon*. Todavia, pode-se utilizar exatamente este conjunto de tradições para amplificar a comicidade da cena construída por Platão para denegrir a imagem de Aristófanes. O poeta seria alguém que soluça e espirra durante um momento de cerimonial, algo extremamente deselegante e ridículo.

Antes de começarem os elogios a *Eros*, como se registra no prólogo do diálogo<sup>11</sup>, ficou acertado entre os encomiastas que o consumo de bebidas alcoólicas seria suspenso, ou, no mínimo, reduzido a um nível não embriagante. A suposição “outro motivo qualquer”, parece ser a melhor; resta-nos saber, pelo menos

---

personagem, no segundo momento, entretanto, Aristófanes permanece sem direito de resposta para tentar defender seu argumento.

<sup>9</sup> Vide, Ribeiro Jr. (2006, p. 226).

<sup>10</sup> Vide, Scott (2008, p. 46).

<sup>11</sup> Cf. *Banq.*, 176e.

hipoteticamente, qual este outro motivo. O que se pode perceber é que o discurso de Erixímaco, que será proferido, é fundamentalmente diferente do apresentado por Aristófanes, especialmente pela perspectiva naturalista que aquele assumirá, em contraposição à escrita idealista-mitológica deste.

Mas é ao final do discurso de Erixímaco e, finalmente, no início do encômio de Aristófanes que um dado relevante manifesta-se. O médico, amante de Fedro, faz um incisivo comentário, o qual é replicado pelo mesmo:

Amigo Aristófanes, vê bem o que fazes. Disposto, como te achas, a agradecer desde o começo, obrigas-me a vigiar o teu discurso, para o caso de soltares alguma graça, quando podias muito bem manter-te sério. Pondo-se a rir, falou Aristófanes: Tens razão, Erixímaco; fica o dito por não dito. Porém, não precisas vigiar-me; o que me preocupa não é fazer graça - o que só seria de vantagem e muito de acordo com a nossa Musa -, porém tornar-me ridículo com o que disser.<sup>12</sup>

Tal exortação de Erixímaco faria algum sentido? Se levarmos em consideração a reputação do comediógrafo na tradição sim. A tradição apresenta-o como dramaturgo de sucesso nascido no *demos* de Cidateneu, sendo filho de um cidadão chamado Filipo. Teria nascido por volta de 450-440 a.C. Tornou-se célebre escritor de comédias notabilizando-se como importante autor em seu contexto histórico, por meio de comédias que foram premiadas em concursos em Atenas. Foi contemporâneo de Sócrates e responsável pela apresentação deste numa perspectiva cômica em seu texto *As Nuvens*.

Era exímio conhecedor da vida e das práticas sociais em Atenas, o que pode ser depreendido das várias referências ao cotidiano da sociedade grega que se extraem de seus textos. Tornou-se um dos críticos (da política, moral, educação e artes) mais vorazes de sua época. Foi contemporâneo de Péricles e Tucídides. A data de sua morte é absolutamente incerta, todavia, os especialistas a demarcam-na por volta do ano 388 a.C, quando se deu a primeira encenação de *Pluto*.

Sobre a relação entre Platão e Aristófanes, e de modo mais específico acerca da construção que estes elaboram das personagens *Aristófanes* no *Banquete* e *Sócrates* n*As Nuvens*, pode-se ainda indagar sobre a finalidade das atribuições e das características de ambos personagens nos respectivos textos desenvolvidos por estes autores.

---

<sup>12</sup> *Banq.*, 189a-b.

Se o *Sócrates* aristofânico não deve ser compreendido como uma descrição fidedigna do Filósofo de Atenas – apesar de traços verossímeis que esse possui –, muito menos o *Aristófanes* de Platão pode ser compreendido como uma descrição fiel, isenta de parcialidade, à memória do comediógrafo de Cidateneu. É sendo possível, todavia, a defesa de certos aspectos positivos na construção do personagem no *Banquete*, o que por fim configurar-se-á como um conjunto de elogios velados de Platão a Aristófanes.

Se na *As Nuvens* Aristófanes faz Sócrates, o filósofo, personificar uma caricatura simbiótica de filósofo naturalista excêntrico com sofista ganancioso; no *Banquete*, Platão apresenta-nos um Aristófanes, que apesar de ser celebrenemente conhecido como um poeta cômico naquele contexto histórico, elogia *Eros* com um discurso em prosa, muito mais próximo de uma tragédia do que de uma comédia<sup>13</sup>. Além disso, o uso que a personagem *Aristófanes* faz de argumentos relativos à natureza e de teses oriundas de filósofos naturalistas o faz muito parecido com o *Sócrates* da *As Nuvens*.

Deste modo, boa parte da tradição buscou construir uma relação beligerante entre Platão e Aristófanes, e não são poucos os intérpretes que percebem um tom de revanchismo na construção do personagem *Aristófanes* no *Banquete*. Por sua vez Pompeu (2011, p.19, 20), Santoro (2013, p.4) e Capra (2007, p.7), na contramão da tradição que torna os dois pensadores inimigos, farão menção de três anedotas gregas que foram preservadas desde a Antiguidade e que testemunham a simpatia de Platão por Aristófanes. Essa possibilidade de leitura do relacionamento entre o filósofo e o poeta subverte toda a lógica tradicional que entende o Aristófanes do *Banquete* simplesmente como alguém ridicularizado em todas as cenas possíveis<sup>14</sup>.

Sobre a tal preocupação, e intimidação, de Erixímaco com a capacidade do poeta proferir seu encômio a *Eros* como registrado no fragmento do *Banquete* apresentado acima, Aristófanes, já rindo novamente<sup>15</sup>, declara que o sábio médico deve tranquilizar-

---

<sup>13</sup> Sobre esta construção dramática às avessas de Aristófanes no *Banquete*, que o aproxima muito mais de um tragediógrafo que de um poeta cômico, deve-se fazer uma correlação com a maneira cômica e burlesca pela qual Agatão, o compositor de tragédias, será caracterizado por Platão no diálogo. O encômio de Agatão, como notar-se-á, será comicamente associado às teses gorgianas e em nada lembrará as premiadas tragédias que o poeta constituiu.

<sup>14</sup> É consenso entre os especialistas que o panegírico de Aristófanes a *Eros* é um dos mais belos textos da Antiguidade sobre a causa e justificativa das relações eróticas. Se Platão de fato não tivesse qualquer tipo de apreço ou reconhecimento a Aristófanes, jamais daria este o privilégio do personagem referente ao comediógrafo grego proferir tão articulado e bem composto encômio o qual, em plasticidade, parece ser menor apenas que a narrativa de Sócrates-Diotima sobre a constituição do *Eros*.

<sup>15</sup> O riso incontido aristofânico, provável causa física de sua incapacidade de discursar, e atual motivo de preocupação de Erixímaco deve ser compreendido como um importante elemento performático que caracterizará o comediógrafo neste texto platônico.

se quanto a esta questão específica, uma vez que de fato seu discurso será sim apresentado, todavia, o desafio de compor um gabo em louvor a Eros demonstra-se como algo tão complexo que, se ao fim de suas palavras, este não parecer como alguém ridículo<sup>16</sup>, o comediógrafo já se dará por satisfeito.

O sarcasmo de Aristófanes, que redundou num riso prolongado, seria a causa de seus soluços? Se assumirmos como legítima esta conclusão, a impossibilidade de falar do poeta é, na verdade, fruto de sua crítica; com efeito ele percebe como desqualificados os discursos de Fedro e Pausânias, bem como o de Erixímaco neste ponto do diálogo. Assim como aconteceu antes – durante os discursos de Fedro e Pausânias –, se Aristófanes não se conter após o gabo de Erixímaco, ele ficará novamente impossibilitado de falar. Seu riso é, na verdade, uma denúncia de seu desprezo a tudo aquilo que foi dito sobre *Eros* até agora.

Ridículo para Aristófanes, não seria um ataque de soluços, e sim, proferir discursos de nível tão duvidoso, que não merecessem, sequer, o respeito básico como o que os primeiros encomiastas haviam recebido. O empanturramento do comediógrafo é muito mais de discursos vazios do que de qualquer vinho ou pão.

Por este panorama, a construção dramática na qual Platão constitui para este evento em sua obra pode ser compreendido de duas maneiras. O episódio do soluço aristofânico, apesar de inicialmente parecer ridicularizar o poeta, é na verdade, uma demonstração da agudeza perceptiva de Aristófanes. Ele era habilmente capaz de identificar as fragilidades dos discursos anteriores, assim como de achincalhar-lhes por meio de um incontido surto de soluços, sendo então – o acontecimento em análise – um instrumento de louvor ao poeta, à criticidade do poeta, e de escárnio dos dois (ou três, se levarmos em consideração também o discurso de Erixímaco) discursos proferidos.

O que bem parece, lendo o *Banquete* por esse ângulo, é que Platão, apesar de suas ressalvas à pessoa de Aristófanes<sup>17</sup>, não poder deixar de respeitar o talento deste

---

<sup>16</sup> A preocupação de Aristófanes, que é ao mesmo tempo uma ácida crítica aos oradores que lhe antecederam, está ligada ao seu receio de terminar seu discurso como o fizeram seus predecessores – Fedro, Pausânias e Erixímaco – de maneira risível e indigna do louvor a *Eros*. Apesar de toda a acusação que a tradição apresentará contra a sua imagem enquanto personagem histórico, tudo o que Aristófanes não quer, neste momento deste diálogo platônico, é parecer um “καταγέλαστος”. Como elucidativamente afirma Reale (2001, p. 195) Platão põe nas palavras iniciais de Aristófanes uma preocupação clara em diferenciar um discurso cômico, γέλοιος (189b), de um orador desabilitado e descreditado em suas palavras.

<sup>17</sup> Ulteriormente, entretanto, quando da análise do gabo de Aristófanes, apresentar-se-á um conjunto de argumentos que visam defender uma aproximação, no mínimo amistosa, de Platão para com Aristófanes, o que obviamente desmontaria toda compreensão conflituosa entre o filósofo e o poeta.

comediógrafo. Ousamos supor que, assim como na Idade Média a filosofia tornou-se escrava da teologia, nos textos platônicos, em especial aqui neste diálogo em estudo, a poesia tornou-se serva da filosofia<sup>18</sup>. Apesar de desqualificar o caráter propedêutico da poesia para o desenvolvimento educacional dos cidadãos atenienses, Platão não abdica do uso instrumental desta para servir de plataforma de apresentação de suas teses filosóficas fundamentais. Nesta concepção a poesia não deve ser vista como um fim em si mesma, e sim, como um elemento imprescindível para a articulação filosófica.

A outra possibilidade a ser concluída da hipótese da crença do soluço como um elemento de desaprovação de Aristófanes aos elogios anteriores é a ironia platônica generalizada que satiriza o poeta enquanto este escarnece dos demais convivas. Como um jogo típico do texto platônico, seria uma máscara por trás da outra, uma metacrítica a crítica superficial, um mecanismo profundo de desqualificação do outro e de seu discurso, enquanto este pitorescamente não consegue esconder sua repulsa àquilo que está sendo argumentado.

Esta tese é defendida por Lacan, e assim apresentada:

Quando acabarão esses soluços? Vão passar, não vão passar? Se não passarem, tome tal e tal coisa e no fim eles passarão. De tal modo que, com os *pausai*, *pausomai*, *pause*, *pauetai*, *pausetai*, com o *pausanioupausamenou*, do começo, encontramos sete repetições de *paus* nessas linhas, ou seja, um intervalo de em média duas linhas e um sétimo entre as ocorrências dessa palavra eternamente repetida. Se acrescentarem aí que isso dará ou não dará algum resultado, e que eu farei o que você disse que fizesse, onde o termo *poiéso* se acha repetido com uma insistência quase igual, as *homofonias*, até mesmo as *isologias* em questão retomam a uma linha e meia de intervalo. É, ainda assim, extremamente difícil deixar de ver que, se Aristófanes está com soluços, é porque durante todo o discurso de Pausânias ele morreu de rir, e Platão não fez por menos. (LACAN, 1992, p.68)

Por esta tese, o elemento impeditivo para o discurso de Aristófanes torna-se um símbolo de sua desaprovação pessoal ao modo pelo qual *Eros* foi louvado até o momento. Postura esta que o comediógrafo assumirá em seu discurso e que por isso reforça esta última conjectura apresentada para justificar a crise de soluços sofrida pelo personagem.

Como uma contribuição a tal opção interpretativa pode-se apresentar, novamente, as informações que nos são oferecidas após o final do discurso de

---

<sup>18</sup> Para corroborar tal afirmação basta notar que dos sete personagens que proferem discursos, dois são poetas tradicionalmente reconhecidos na sociedade grega; e que em todos os encômios, inclusive no de Sócrates, são citados poetas antigos, especialmente Homero.

Erixímaco, em 189a-b: o médico exorta o poeta a ter comedimento em seu comportamento, para que não provoque o riso no instante que está prestes a proferir seu elogio. Aristófanes, que continua rindo apesar do soluço já ter passado, declara que não tentará provocar risos – assim como os demais encômios teriam provocado. Este dado do discurso aristofânico fundamenta a tese sobre uma forte crítica do comediógrafo aos discursos que o antecederam.

Como última hipótese para justificar o imprevisível e impróprio soluço aristofânico, é possível tomar tal estado físico desarmônico e carente como uma analogia da condição existencial dos *erastes* e *eromenos* que será defendida pelo poeta em seu elogio a *Eros*. Neste caso, o soluço é uma metáfora para a falta de algo – no caso do argumento de Aristófanes de alguém – entendida assim como desejo pelo outro, tese amplamente presente no encômio do comediógrafo. Destaque-se também, que os mesmos conceitos estarão presentes no elogio a *Eros* de Diotima narrado por Sócrates, sendo, entretanto, desenvolvidos e consolidados no campo da apresentação da teoria erótica de Platão.

#### 4. Conclusão

Diante das múltiplas possibilidades interpretativas do evento do “ataque de soluços” de Aristófanes no banquete celebrativo de Agatão, o que se deve considerar com convicção é que no texto platônico nada pode ser compreendido como acidental ou não-intencional; mas pelo contrário, é necessário – por meio de uma leitura holística do diálogo – apreender cada fato como um elo de uma encadeada articulação argumentativa do próprio Platão.

Deste modo, empanturrar-se e desempanturrar-se, estar cheio e esvaziar-se, necessitar de algo e saciar-se em virtude de algo, são analogias personificadas no episódio do soluço inesperado que, na verdade, apontariam para a teoria do *Eros* desenvolvida por Aristófanes e por todos os demais encomiastas no curso dos elogios proferidos no *Banquete*.

A partir de tal estratégia interpretativa conclui-se que não há momentos ou falas privilegiadas para a compreensão dos pressupostos teóricos de Platão no *Banquete*, mas antes, a teoria erótica, assim como as demais temáticas filosóficas constituídas no curso deste diálogo, está distribuída nos discursos de todos os simposiastas, bem como nos acontecimentos secundários que circundam os encômios a *Eros*.

## 5. Referências

- BENARDETE, Seth. Socrates and Plato: The dialectics of Eros. (German and English). Carl Friedrichs von Siemens Stiftung: Munich, 2002.
- CAPRA, A. Stratagemmi comici da Aristofane a Platone. Parte I: Il satiro ironico (Simposio, Nuvole e altro) Stratagemmi. Nº 2, 2007. p. 7-48.
- CORRIGAN, K.& E. G. *Plato's Dialectic at Play: Argument, Structure, and Myth in Plato's Symposium*. Pennsylvania State University Press, 2004.
- COOKSEY, T. L. *Plato's Symposium: A Reader's Guide*. London-New York: Continuum. 2010.
- DOVER, Kenneth James. *A Homossexualidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 2008.
- GORDON, Jill. *Plato's erotic world: from cosmic origins to human death*. New York: Cambridge university press, 2012.
- LACAN, Jacques. *O seminário. Livro 8. A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- MADRAZO, Álvaro. El enigma del hipo: llenados, vaciados y estatuas en el *Banquete* de Platón. **In:** *Nóstoi*, estudos a la memoria de Elena F. Huber. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Eudeba, 2013.
- PLATÃO. *Banquete – Apologia de Sócrates*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Introdução Victor Sales Pinheiro. Belém: UFPA, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Le Banquet*. Traduction inédite, introduction et notes par Luc BRISSON. 5ª Ed Paris: GF-Flammarion, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Simposio*. Giovanni Reale (a cura) Editorial: Fondazione Lorenzo Valla - Arnoldo Mondadori Editore, Milano, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Symposium*. Tradução Seth Benardete. Comentários Seth Benardete e Allan Bloom. Chicago: The University of Chicago Press, 2001.
- POMPEU, A. M. C. *Aristófanos e Platão - A Justiça na Pólis*. 1. ed. São Paulo: Biblioteca 24 Horas, 2011. v. 1. 230p.
- RIBEIRO Jr., Wilson A. O médico como objeto de riso na Antologia Palatina. *Clássica (Brasil)*, v. 19.2, p.224-233, 2006.
- SANTORO, Fernando: Máscaras de Dioniso no Banquete de Platão. *O Que nos Faz Pensar (PUCRJ)*, v.34, p.47 - 62, 2013.
- SCOTT, Gary Alan; WELTON, William A. *Erotic Wisdom: philosophy and intermediacy in Plato's Symposium*. State University of New York Press, 2008.
- TRABATTONI, Franco. *Platão*. São Paulo: Annablume/Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.